



## **Cooperativismo como mecanismo para o desenvolvimento do Capitalismo Inclusivo: o caso da Cooperativa de Produção Agropecuária Cooaprolim de Rolim de Moura-RO.**

Suzenir Aguiar da Silva Sato (UNIR). [suzi@unir.br](mailto:suzi@unir.br)  
Nilza Duarte Aleixo de Oliveira (UNIR). [nilza@unir.br](mailto:nilza@unir.br)  
Andréia Duarte Aleixo (UNIR). [andrea-aleixo@unir.br](mailto:andrea-aleixo@unir.br)  
Hellen Samara dos Santos Silva (UNIR). [hellensamara@hotmail.com](mailto:hellensamara@hotmail.com)  
Cleberon Eller Loose (UNIR). [cleberonloose@unir.br](mailto:cleberonloose@unir.br)

## **Cooperativeness as a mechanism for the development of Inclusive Capitalism: the case of the Cooperative of Agricultural Production Cooaprolim from Rolim de Moura – RO.**

### **RESUMO:**

O sistema capitalista tradicional promove a centralização do capital, tendo como consequência a exclusão socioeconômica de muitos desfavorecidos. Grandes teóricos defendem que o capitalismo inclusivo tem o papel de desenvolver uma nova base de consumidores na Base da Pirâmide, que assim, promove a inclusão socioeconômica. Assim, este estudo teve por objetivo identificar as estratégias competitivas sustentáveis que promovem o desenvolvimento do capitalismo inclusivo e são responsáveis pelo sucesso e longevidade de cooperativa de produção agropecuária na região central de Rondônia. A pesquisa possui caráter exploratório e descritivo, e caracterizou-se como um estudo de caso de caráter qualitativo. Foram entrevistados os cooperados fundadores da cooperativa Cooaprolim. Os resultados indicaram que o cooperativismo promove o capitalismo inclusivo, pois proporciona ao produtor rural associado o desenvolvimento socioeconômico. Outro fato identificado é que a cooperativa possui estratégias responsáveis pela sustentabilidade da cooperativa, mas que ainda não são percebidas por seus administradores.

**Palavras chave:** Capitalismo Inclusivo. Cooperativas de Produção Agropecuária. Estratégias Competitivas e Sustentáveis.

### **ABSTRACT**

The traditional capitalism system promotes the centralization of capital, having as a consequence the socioeconomic exclusion of the poor ones. Great theorists defend that the inclusive capitalism has the role of developing a new basis of consumers at the Basis of the Pyramid, so, it promotes the socioeconomic inclusion. Thus, this study aimed to identify sustainable competitive strategies which promote the development of inclusive capitalism and they are responsible for the longevity of the cooperative of agricultural production in the central region of Rondônia. The research has an exploratory and descriptive character, and was characterized as a qualitative character study of case. The cooperated who founded Cooaprolim cooperative were interviewed. The results showed that cooperativeness promotes inclusive capitalism inasmuch as it provides to the farmer who is associated socioeconomic development. Another thing which was identified was that the cooperative has strategies responsible for the cooperative sustainability, but they cannot be seen by their managers yet.

**Keywords:** Inclusive Capitalism, Cooperative of Agricultural Production, Competitive and Sustainable Strategies.

## 1 Introdução

O modelo econômico capitalista tradicional vigente proporciona a centralização e globalização do capital fomentando a exclusão socioeconômica de grande parcela da população mundial, ao transformá-la, em sua maioria, numa sociedade altamente individualista e competitiva (HART, 2006). Nesse sentido, em meio de grandes discussões no âmbito econômico em relação às responsabilidades socioeconômica e ambiental das organizações, o capitalismo começa a passar por conceituações contemporâneas que defende que esse deve ser um sistema inclusivo.

O capitalismo inclusivo consiste em uma nova visão econômica que busca desenvolver uma nova base de consumidores na Base da Pirâmide social (BORGES, 2007) e ao desenvolver essa nova base ocorrerá à inclusão socioeconômica desses desfavorecidos. Esse modelo econômico pode ser desenvolvido por meio das sociedades cooperativistas, por essas serem consideradas mecanismo de inclusão social nas comunidades das regiões que atuam. Schneider (2010) ressalta que a inclusão social, no contexto das cooperativas, oferece aos associados oportunidades de participarem da distribuição de oportunidades de trabalho e de renda do País, dentro de um sistema que beneficia a todos e não somente uma camada da sociedade.

No Estado de Rondônia há diversos segmentos de cooperativas e no interior do Estado na cidade de Rolim de Moura, em função de problemas ocorridos na década passada, por monopólios para aquisição de leite dos produtores, foi fundada uma cooperativa que vem se destacando pelos resultados proporcionados junto aos seus cooperados.

Assim, a pesquisa teve como objetivo identificar as estratégias competitivas sustentáveis que promovem o desenvolvimento do capitalismo inclusivo e são responsáveis pelo sucesso e longevidade de cooperativas de produção agropecuária.

Nesse contexto a pesquisa foi desenvolvida a partir da Cooperativa Agropecuária dos Produtores de Leite de Rolim de Moura – Cooaprolim, fundada há 12 anos, na cidade de Rolim de Moura – RO, com objetivo principal de prestar serviços aos seus associados, promovendo o desenvolvimento socioeconômico de suas famílias, através do apoio as atividades econômicas, potencialmente voltadas para a produção de leite e produtos originários das atividades agropecuárias, e atualmente atende produtores de sete municípios da região da Zona da Mata, do estado de Rondônia. A escolha do objeto de estudo foi em função da problemática envolvida, isto é, que estivesse no contexto cooperativista e que pudesse realizar práticas para o desenvolvimento do capitalismo inclusivo.

O estudo se aplica a uma pesquisa de caráter exploratório descritivo com abordagem qualitativa, realizada no período de novembro a dezembro de 2013, junto aos cooperados fundadores da Cooaprolim e o atual presidente, tendo em vista que esses puderam retratar o cenário socioeconômico dos produtores de leite antes e após a fundação da cooperativa. A coleta de dados se deu por meio de instrumento de pesquisa semiestruturado (um para o presidente da Cooaprolim e outro para os cooperados fundadores).

Foram entrevistados 13 dos fundadores ativos. Além das entrevistas, foram utilizados documentação da cooperativa, tais como: Estatuto Social e Ata de Constituição. A primeira teve como finalidade a identificação do objetivo da cooperativa. Já a segunda teve como finalidade a identificação dos cooperados fundadores e, com a ajuda do presidente, foi realizado o levantamento da quantidade de cooperados ativos. Vale ressaltar que a cooperativa

não possui nenhuma organização documental, pois não foi possível a verificação dos cooperados ativos por meio de registros documentais. A análise dos dados se deu por análise de conteúdo e relato dos acontecimentos (em se tratando do histórico).

Os resultados apontam que a cooperativa é um mecanismo para o desenvolvimento do capitalismo inclusivo, pois proporciona a inclusão socioeconômica dos cooperados. Dentro deste contexto, o capitalismo inclusivo deve ser explorado, cada vez mais, através de pesquisas, para que possibilite, gradativamente, amadurecimento dessa nova ideia (novo modelo econômico), no meio acadêmico, empresarial e social do Estado de Rondônia.

## **2 A doutrina Cooperativista**

O cooperativismo surgiu como uma alternativa de organização da produção e de pessoas, que permitiu alcançar o desenvolvimento, consequência da busca constante pelo homem de mecanismos que proporcionam o desenvolvimento econômico e social, com objetivo de satisfazer suas necessidades. A doutrina cooperativista, conforme Nami (2012) iniciou-se em 1844 no bairro de Rochdale, em Manchester (Inglaterra), com o movimento de um grupo de 28 tecelões, que fundaram uma cooperativa de consumo, cujo objetivo era encontrar formas de melhorar a precariedade econômica através da cooperação mútua, e a partir daí, o cooperativismo se desenvolveu em todo o mundo.

No Brasil, o movimento cooperativista surgiu no final do século XIX. As primeiras cooperativas surgiram a partir de 1889, mas foi em 1906 que nasceram e se desenvolveram as cooperativas no meio rural, idealizadas por produtores agropecuários (OCB, 2013). Nami (2012) afirma que o cooperativismo é a doutrina que visa à renovação social a partir da cooperação. Também é considerado como um movimento que se caracteriza como um sistema econômico-social capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social (OCB, 2013). Desta forma, as cooperativas possuem dupla função: associação (enquanto reunião de pessoas) e de empresa (enquanto reunião de capital), e nesse sentido, os cooperados também possuem duplo papel, o de dono e usuário do empreendimento.

As cooperativas são associações que possuem características peculiares. Vale ressaltar que essas não têm por objetivo apenas o lucro; esse é encarado como uma consequência e não como o meio. Nesse sentido, Fleury (1983) colabora e menciona as associações de pessoas a partir três características:

- Propriedade cooperativa: nesse tipo de empreendimento os usuários da cooperativa são os seus proprietários e não aqueles que detêm o capital;
- Gestão cooperativa: o poder decisório encontra-se nas mãos dos associados;
- Repartição cooperativa: a distribuição do lucro da cooperativa (sobras líquidas) é feita proporcionalmente a participação dos associados nas operações.

Segundo Antonialli (2000), essas características atribuem às cooperativas o caráter de “empresa-associada”, pois inclui a associação voluntária de pessoas que constituem uma sociedade e um empreendimento comum pelo qual esta alcança seus objetivos.

### **2.1 Empresas cooperativas x Empresas não cooperativas**

Enquanto pessoa jurídica, para Borges (2007) a empresa cooperativa tem como objetivo a defesa da economia individual e de seus associados. No entanto, Juvêncio, Andrade e Panzutti (2000), ressaltam que há diferenças significativas entre as empresas cooperativas e as empresas não cooperativas. Como por exemplo: enquanto a empresa não cooperativa é uma

sociedade de capital - a empresa cooperativa é uma sociedade de pessoas; a empresa não cooperativa prima pelo lucro - a cooperativa busca a prestação de serviços; na empresa não cooperativa os dividendos são proporcionais aos valores das ações- nas cooperativas o retorno é proporcional ao valor das operações, etc.

Nesse sentido, Schneider (2004) ressalta algumas vantagens no contexto econômico e social das cooperativas de produção agropecuária, são elas: a) produzem rendas maiores; b) impulsiona a promoção econômica e aumenta o nível de vida dos associados e da comunidade na qual a cooperativa está inserida; c) as cooperativas são consideradas um instrumento eficaz contra o monopólio; d) as cooperativas amenizam os inconvenientes ou os desvios dos sistemas econômicos vigentes, ou seja, o capitalismo tradicional; e) as cooperativas são mecanismos eficientes de distribuição social e regional de renda; e, f) as cooperativas são importantes reguladoras de preço no mercado.

Essas vantagens estão presentes em vários ramos de atividade das cooperativas, como por exemplo, nos ramos: agropecuário, consumo, crédito, educacional, habitacional, produção, entre outros (OCB, 2013).

Por se tratar do objeto de estudo, essa pesquisa teve como foco o ramo agropecuário, onde foi dada uma atenção maior para as cooperativas de produção agropecuária.

As cooperativas de produção agropecuária fazem parte do ramo agropecuário do cooperativismo, que é composto por cooperativas de produtores rurais e de pesca, onde os meios de produção pertencem aos próprios cooperados. Essas possuem significativa participação na economia nacional, sendo que em 2011 o cooperativismo agropecuário estava composto por 1.523 cooperativas e 969.541 cooperados (OCB, 2013).

Gimenes (2006) destaca que as cooperativas agropecuárias tem um papel importante na melhoria de distribuição de renda na zona rural, pois proporciona a seus cooperados a agregação de valor aos seus produtos e aumenta o poder de barganha do produtor rural em mercados competitivos.

### **3 Capitalismo Inclusivo em um contexto Global**

O capitalismo iniciou-se no século XIII, quando ocorreu a transição do feudalismo para o capitalismo. Assim pode-se classificar o capitalismo em três fases: a primeira ocorre no século XV, conhecido como capitalismo comercial. Posteriormente, com a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, inicia-se a segunda fase, o capitalismo industrial. E por último, a partir do século XX, começa o capitalismo financeiro, sendo este, o capitalismo em que vivemos nos dias atuais. Nesse sentido Pereira (2011) ressalta que esse último é regulado pelo Estado e por grandes multinacionais.

Na Base da Pirâmide econômica encontra-se cerca de 4 bilhões de pessoas que vivem com até US\$ 1,5 mil por ano (PRAHALAD, 2010), e o estudioso Stuart Hart, afirma que se não houver a inclusão dessa massa não haverá futuro para o capitalismo, ou seja, não haverá futuro para as organizações. Para o autor Hart (2006), a responsabilidade socioeconômica das organizações é a melhor forma de gerar crescimento e satisfazer as partes interessadas, com foco na caminhada ao grande salto para baixo – para a Base da Pirâmide econômica, no qual foram ignorados e prejudicados pela globalização. É nessa base que as companhias encontrarão os mercados de crescimento mais excitantes para o futuro.

Hart (2005) ainda afirma que temos de reinventar o capitalismo, de modo a torná-lo mais inclusivo, ou seja, ainda não é uma realidade global, mas é o ponto de partida para uma suposta quarta fase do capitalismo, o capitalismo inclusivo. Borges (2007) define o

capitalismo inclusivo como uma nova visão econômica, que objetiva buscar o desenvolvimento de uma massa de consumidores na base da pirâmide social.

O desenvolvimento do capitalismo inclusivo é barrado por alguns paradigmas do capitalismo tradicional. Prahalad (2010, p.54) justifica essa resistência em cinco pressupostos que partem das corporações multinacionais e são eles:

- 1) Os pobres não são nossos consumidores alvo; eles não têm condições de adquirir nossos produtos ou serviços;
- 2) Os pobres não utilizam os produtos vendidos em países desenvolvidos;
- 3) Só os países desenvolvidos apreciam e pagam por inovações tecnológicas;
- 4) O mercado da BoP não é importante para o crescimento de longo prazo e a vitalidade de corporações multinacionais;
- 5) A empolgação intelectual está em mercados desenvolvidos; é muito difícil recrutar gerentes para mercados da BOP.

As grandes empresas multinacionais têm sua origem em países desenvolvidos, dessa forma, os executivos estão condicionados a pensar no topo da pirâmide (classe econômica alta). Esse processo gera uma série de preconceitos e pressupostos, desconsiderando a potencialidade associada às classes mais baixas (ARRUDA et al, 2009). Para o desenvolvimento do capitalismo inclusivo é preciso inovar nos negócios com vista no social, já que a inovação é carro chefe da competitividade e da autossustentabilidade.

#### **4 O Cooperativismo como mecanismo para o desenvolvimento do Capitalismo Inclusivo**

O cooperativismo em seu papel social caracteriza-se como uma “empresa cidadã”, pelo seu caráter comunitário, democrático e realmente prestador de serviços com a finalidade de atender as necessidades dos associados e da comunidade em que ela está inserida (SCHNEIDER, 2004). O Cooperativismo pode ser considerado um importante instrumento de distribuição de renda, e ainda promover ações voltadas para atender as necessidades econômicas, sociais e ambientais para satisfazer os interesses comuns de um grupo de pessoas (OLIVEIRA et al, 2007).

No contexto das cooperativas de produção agropecuária, essas promoções de ações desempenham importante papéis socioeconômico, pois representam, em muitas regiões, uma das poucas alternativas de agregação de valor à produção rural e a inclusão de pequenos e médios produtores em mercados competitivos (FERREIRA; BRAGA, 2004). Oliveira Jr. (1982) ressalta que o cooperativismo agropecuário, como movimento, cresceu para amenizar os problemas socioeconômicos do campo, ou seja, foi uma forma encontrada pelos produtores rurais para promoverem o seu desenvolvimento e superar obstáculos comuns.

Schneider (2004) considera o cooperativismo como um importante instrumento para ajudar a construir o capital social, ou o capitalismo inclusivo. O autor menciona Amartya Sen, Prêmio Nobel da Economia em 1998, que defende a teoria de que o desenvolvimento das nações é determinado por um leque de capitais: o natural (recursos naturais), o físico (construções), o financeiro (dinheiro), o humano (educação, saúde) e o social, sendo que o capital social, nesse contexto, consiste em que as pessoas devem desenvolver e participar de organizações que realizem negócios sociais, com objetivo de alcançarem o progresso social e econômico.

O principal papel do cooperativismo no desenvolvimento de um capitalismo mais inclusivo pode ser considerado, segundo Schneider (2004), a contribuição na geração e crescimento de polos microrregionais e locais de desenvolvimento integral, humano e sustentável. Os sócios de uma cooperativa são membros ativos da sua comunidade, tendo em vista que exercitam a

democracia e decidem coletivamente sobre os destinos das sobras (lucros) gerado pela empresa, o que, normalmente, é reaplicado dentro do próprio município ou região.

Nesse sentido, as cooperativas de produção agropecuária são responsáveis pela geração de uma produção mais qualificada e de renda para os produtores rurais associados, tendo em vista que essa proporciona assistência técnica e serviços de infraestrutura beneficiando o produto e agregando valor ao mesmo.

## **5 Estratégias Competitivas e Sustentáveis**

Barney e Hesterly (2007) definem estratégia de uma empresa como sua teoria para alcançar vantagens competitivas. Isso se justifica devido à competição no mercado ser difícil de prever, assim é incerto saber se a empresa está escolhendo a estratégia certa, por isso, a estratégia de uma empresa é quase sempre uma teoria.

Para Hamel e Prahalad (2005), a estratégia é aquilo que seja necessário fazer certo agora para interceptar o futuro, ou seja, mostra à organização quais competências é preciso começar a desenvolver hoje para obter bons resultados no futuro. Os autores ainda ressaltam que a estratégia não é eterna, mais cedo ou mais tarde, o “amanhã” torna-se “hoje” e o que ontem era uma predição, hoje se transforma em sabedoria.

No âmbito cooperativista, se espera que as estratégias de mercado sejam próximas as das empresas não cooperativistas, mas com particularidades, devido, ambas estarem inseridas no mesmo cenário econômico, ou seja, competem entre si. Oliveira (2003,) ressalta que a estratégia é a ação ou caminho mais adequado a ser aplicado para alcançar os objetivos e metas da cooperativa. Nesse sentido, é interessante estabelecer estratégias alternativas para serem flexíveis às ações e caminhos da cooperativa conforme as necessidades que possam, futuramente, surgirem. O autor salienta que o “planejamento” estratégico é a metodologia administrativa que permite estabelecer a direção a ser seguida pela cooperativa, visando ao maior grau de interação com os fatores externos, que não são controlados pela cooperativa.

Oliveira (2003, pp. 103-140) faz um resumo de uma metodologia de planejamento estratégico para cooperativas com objetivo de alcançar seu desenvolvimento, classificando em 5 módulos: 1) Direcionamento estratégico - Orientações estratégicas que deverão conduzir o pensamento estratégico; 2) Análise estratégica - Representa a situação atual da cooperativa, e define como deverá ser o comportamento futuro dos elementos de influência estratégica na mesma; 3) Posicionamento estratégico - Demonstra a interligação dos negócios atuais e futuros da cooperativa com os segmentos de mercados atuais e futuros de atuação da cooperativa; 4) Diretrizes estratégica - É a reunião das principais questões e orientações para a execução do plano estratégico na cooperativa; e, 5) Instrumentos estratégicos - É o conjunto de instrumentos estruturados interligados que possibilitam a operacionalização e a gestão das decisões tomadas no decorrer do processo estratégico.

Verifica-se, que as cooperativas estão inseridas em uma economia capitalista competitiva, assim elas são regidas pelas leis do mercado, e, por tanto, as estratégias a serem adotadas devem contemplar esta variável determinante. Dessa forma, as estratégias de gestão citadas, por Oliveira (2003) são essenciais para que essas se mantenham no mercado.

Porém, as cooperativas possuem aspectos específicos com dimensões distintas, e muitas vezes conflitantes, pois além de focar em estratégias para o desenvolvimento econômico da empresa cooperativa, também devem desenvolver estratégias de crescimento econômico do cooperado, e nessa última, é que ocorre o capitalismo inclusivo.

Nesse sentido, Bialoskorski Neto (2002) define as estratégias estabelecidas pelas sociedades cooperativas de produção agropecuária em: 1) Quanto a sua dimensão social – empenha-se no bem-estar e na rentabilidade do produtor rural associado; 2) A governança corporativa – dimensão estratégica da sociedade quanto a suas formas de capitalização, devido o capital ser um fator de produção escasso nessas sociedades; e, 3) A estratégia econômica e de mercado.

As cooperativas possuem responsabilidade social no sentido de desenvolvimento local onde está inserida, pois zelam pela geração de renda, bem-estar social e igualdade entre seus associados (BIALOSKORSKI NETO, 2004) e essa é considerada uma estratégia de dimensão social. Essas sociedades possuem uma estratégia particular de governança corporativa, onde os associados detêm de direitos de decisões igualitários, e os resultados dependem das transações, ou seja, os associados podem buscar a estratégia do maior preço possível de forma imediata (BIALOSKORSKI NETO, 2002).

Em relação às estratégias de mercado, as cooperativas devem praticar estratégias parecidas com a das empresas não cooperativas, uma vez que as duas organizações atuam no mesmo mercado e necessitam da mesma estratégia de posicionamento competitivo (BIALOSKORSKI NETO, 2002).

## **6 A Cooperativa Agropecuária dos Produtores de Leite de Rolim de Moura – Cooprolim e os mecanismos para o desenvolvimento do Capitalismo Inclusivo**

Em meados do ano de 2000, o cenário dos produtores de leite no interior do Estado de Rondônia era considerado pelos produtores como sendo “de muita injustiça”. O valor do litro de leite de venda para os laticínios era em média de R\$ 0,10. Com a intenção de melhorar essas condições, alguns produtores se uniram para fundar uma cooperativa, tendo como objetivo inicial de melhorar o valor de venda do leite.

O presidente e um dos fundadores da cooperativa, Eurides dos Santos Batista, usou a seguinte frase para definir esse processo: “A cooperativa nasceu para buscar dias melhores, um sonho de dias melhores para todos os produtores da região”, nascendo assim a Cooprolim.

A Cooperativa Agropecuária dos Produtores de Leite de Rolim de Moura – Cooprolim foi fundada em 05 de Setembro de 2001 por 30 produtores rurais, com quotas-partes de R\$ 150,00 cada. O objetivo principal da cooperativa, definido em Estatuto, é de prestar serviços aos seus associados, promovendo o desenvolvimento sócio econômico de suas famílias, através do apoio as atividades econômicas, potencialmente voltadas para a produção de leite e produtos originários das atividades agropecuárias. E todo esse contexto caracteriza-se como um movimento que cresceu no interior do Estado de Rondônia com objetivo de amenizar os problemas socioeconômicos dos produtores rurais.

Depois da constituição da Cooprolim, o valor do leite estabilizou, e hoje a média do litro de leite na região é de R\$ 0,70, ou seja, houve um crescimento de 700% em relação à média de R\$0,10 o litro de leite antes da cooperativa, e nunca mais houve quedas. Atualmente (dezembro de 2013) a cooperativa possui 816 cooperados, e essa massa de produtores unidos fez com que os laticínios da região não comandassem sozinhos o valor do leite, ou seja, houve a inclusão dos pequenos produtores no mercado competitivo devido a união promovida pelo cooperativismo. Tal fato Ferreira e Braga (2006) ratificam quando mencionam que as cooperativas de produção agropecuária promovem ações que desempenham importante papel socioeconômico, pois representam, em muitas regiões, uma das poucas alternativas de agregação de valor à produção rural e a inclusão de pequenos e médios produtores em mercados competitivos.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pela Cooprolim no início de suas atividades foi a falta de confiança dos produtores para se associarem, e essa situação só foi revertida quando a cooperativa adquiriu os 25 primeiros tanques de refrigeração, financiados pelo Banco da Amazônia - BASA, e entregues para os cooperados.

No final de 2013 a cooperativa possui cooperados de sete municípios, sendo: Rolim de Moura, Castanheiras, Santa Luzia do Oeste, Alta Floresta do Oeste, Novo Horizonte do Oeste, Nova Brasilândia do Oeste e São Miguel do Guaporé.

## 6.1 Elementos do Capitalismo inclusivo - pesquisa junto aos produtores e fundadores

Na primeira parte do instrumento de pesquisa aplicado aos cooperados fundadores, teve como objetivo identificar elementos do capitalismo inclusivo (Tabela 1) abordado no referencial teórico, e foram apurados os seguintes dados:

**Tabela 1: Elementos do capitalismo inclusivo – parte 1.**

Depois de se associar a cooperativa o que mudou para você?	SIM	%	NÃO	%	Total Entrevistados
Melhoria de renda	13	100	0	0,00	13
Melhoria na qualidade de vida	12	92,31	1	7,69	13
Acesso a orientações técnicas relativas à produção	13	100	0	0,00	13
Acesso a tanques para armazenamento da produção de leite	13	100	0	0,00	13
Acesso ao crédito	12	92,31	1	7,69	13
Aumento na produção	13	100	0	0,00	13

Fonte: Elaborado pelo autor (2013)

Dos 13 cooperados entrevistados (tabela 1), 100% considera que houve melhoria de renda, e essa melhoria é ainda mais evidenciada quando analisado os valores das rendas declarados. Dos 13 cooperados entrevistados, 9 possuem renda média mensal entre R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00, ou seja, representam 69,23%, enquanto 23,07% possuíam renda média de até R\$ 500,00, e apenas 7,7% possuíam uma renda média de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00. Para confrontar as informações sobre a melhoria de renda ao decorrer dos 12 anos da fundação da cooperativa foi levantado junto aos cooperados e os resultados demonstram que depois da fundação da cooperativa, 69,23% dos entrevistados passaram a possuir renda média mensal de R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00, enquanto 7,69% passaram para R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00, 15,38% para R\$ 3.000,00 a R\$ 4.000,00 e 7,69% acima de R\$ 5.000,00.

E além da renda, de acordo com os resultados apresentados na tabela 1, 92,31% dos entrevistados consideram que houve melhoria na qualidade de vida, e 7,69% consideram que não houve melhoria da qualidade de vida, mas se contradizem quando consideram que houve melhoria de renda, pois a renda é o elemento responsável pela inclusão de novos consumidores, que passam a consumir produtos responsáveis pela melhoria da qualidade de vida.

Dos entrevistados, 100% consideram que passaram a ter acesso a orientações técnicas relativas à produção, a tanques para armazenamento do leite produzido, e aumento na produção. O acesso às orientações técnicas e acesso a equipamentos são responsáveis pelo aumento da produção, e se tem aumento na produção tem aumento na renda, que proporciona acesso a produtos e serviços responsáveis pela melhoria da qualidade de vida, assim, ocorre à inclusão socioeconômica. E 92,31% considera que passaram a ter acesso ao crédito no



comércio e em instituições financeiras, e todos esses acessos citados são consequência da união dos produtores rurais para fundarem a cooperativa que proporciona a eles essa inclusão.

Esses dados confirmam o que o autor Oliveira (2007) ressalta que o cooperativismo é considerado um importante instrumento de distribuição de renda e promoções voltadas para atender necessidades socioeconômicas que satisfazem os interesses comuns de um grupo de pessoas. E ainda resulta em um capitalismo inclusivo, haja vista que esses cooperados passaram a ter acesso ao que não conseguiriam se não tivessem se unidos em prol á um interesse e necessidade comum para fundarem uma cooperativa de produção agropecuária.

A cooperativa, também, proporciona aos seus cooperados acesso a produtos básicos a preço de custo para atender suas necessidades alimentar e de produção. Conforme o presidente, a cooperativa adquire em grandes quantidades e à vista, produtos da cesta básica e para atender a produção de leite (como sal e mineral para o gado, produtos para melhoramento de pasto) e vende para seus produtores a preço de custo, e isso proporciona uma economia na renda dos produtores.

Tabela 2: Elementos do capitalismo inclusivo – parte 2

	SIM	%	NÃO	%	Total Entrevistados
Em sua opinião, depois da COOAPROLIM, houve inclusão social e econômica dos cooperados?	12	92,31	1	7,69	13
Você participa das decisões da cooperativa?	13	100	0	0,00	13
Você se sente importante no grupo de associados?	13	100	0	0,00	13

Fonte: Elaborado pelo autor (2013).

Quanto à inclusão social (tabela 2), mostra que 92,31% dos cooperados entrevistados consideram que houve inclusão social e econômica, nesse contexto, o movimento cooperativista pode ser considerado como um mecanismo para o desenvolvimento do capitalismo inclusivo, haja vista, que é considerado pelo Nami (2012) um sistema econômico-social capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social, ou seja, capaz de desenvolver a inclusão socioeconômica dos produtores rurais. Porém 7,69% dos entrevistados considera que não houve inclusão socioeconômica dos cooperados, mas esses se contradizem quando afirmam que houve melhoria de renda, conforme tabela 1, pois essa melhoria resulta na melhoria na qualidade de vida, e ambas são responsáveis pela inclusão socioeconômica.

Ainda, conforme a tabela 2, 100% dos entrevistados se sentem importante no grupo de associados e consideram que participam das decisões da Cooprolim, e isso é de suma importância no contexto da inclusão socioeconômica, pois os produtores rurais, que antes possuíam uma renda média mensal incapaz de atender suas necessidades pessoais e de produção, passaram a possuir uma renda média maior e ainda se sentem parte do negócio, da empresa cooperativista em que são os donos. E isso é retrato de um dos principais papéis do cooperativismo no desenvolvimento de um capitalismo mais inclusivo, pois, conforme Schneider (2004), os sócios de uma cooperativa exercitam a democracia e decidem coletivamente sobre o destino das sobras (lucros) gerado pela cooperativa.

## 6.2 Estratégias utilizadas pela Cooprolim - pesquisa junto ao Presidente

Em relação às estratégias apresentadas pelo autor Oliveira (2003) para cooperativas alcançarem seu desenvolvimento, de acordo com o presidente da Cooprolim, a mesma, não possui nenhuma estratégia formal.

Porém, foi observado no decorrer das entrevistas que a cooperativa possui estratégias responsáveis pela sua sustentabilidade, no sentido de longevidade, que os membros da administração não percebem, pois a mesma vem conscientizando, seus cooperados da importância da cooperativa e sobre o movimento cooperativista, e também fazem um trabalho de visita nas linhas com objetivo de mostrar para os jovens, filhos de cooperados, quão importante é buscar se profissionalizarem para assumirem a direção da cooperativa, e fazer com que ela cresça cada vez mais.

Ainda, a cooperativa possui estratégia de mercado, que também não é reconhecida como estratégia pela administração, que é finalizar a construção de um laticínio, para industrializarem suas produções, e assim agregarem valor ao produto final. Enquanto não fica pronto à instalação do laticínio, os diretores estão estudando o mercado e os processos em outras cooperativas de outros Estados, por meio de visitas, para entrarem com maturidade no mercado competitivo.

Vale ressaltar, que essa agregação de valor ao produto final é uma estratégia para o desenvolvimento ao capitalismo inclusivo, tendo em vista que a partir do momento em que a produção dos produtores rurais passarem a ter essa agregação de valor, automaticamente, irá contribuir para melhoria de renda e, conseqüentemente, a melhoria na qualidade de vida, e esses são elementos do capitalismo inclusivo.

Mas, para Cooprolim atingir seus objetivos de desenvolvimento, e atingir uma fatia do mercado com essa agregação de valor ao produto final, é indispensável que haja um planejamento estratégico formal, haja vista que a mesma não possui nem o básico que é: Visão, Missão e Valores. Conforme a teoria apresentada, para a cooperativa alcançar com excelência suas metas de atingir o mercado com produtos finais, a estratégia deve ser encarada como o necessário que se deve fazer hoje para obter bons resultados a longo prazo (HAMEL E PRAHALAD, 2005).

E já que o cooperativismo é considerado como um movimento capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social, a cooperativa terá que buscar constantemente a conscientização desse movimento, e mostrar para seus cooperados a razão dela existir e a necessidade que ela tem de se desenvolver com a cooperação de todas as partes envolvidas.

Foi observado, que apesar da pouca instrução educacional formal dos cooperados, participam da administração, da cooperativa, produtores que são muito inteligentes, pois mesmo sem perceber que desenvolvem estratégias competitivas, são responsáveis pela sustentabilidade da cooperativa, e pela prática do capitalismo inclusivo responsável pela inclusão socioeconômica dos produtores cooperados.

## **5 Considerações Finais**

No contexto do Capitalismo Inclusivo as cooperativas de produção agropecuária são mecanismos para o desenvolvimento desse novo sistema econômico, haja vista que essas proporcionam o desenvolvimento socioeconômico dos pequenos produtores rurais.

De acordo com a pesquisa de campo o que se propôs como objetivo foi respondido e pôde-se compreender que o cooperativismo proporcionou aos cooperados da Cooprolim o desenvolvimento e inclusão socioeconômica, pois essa proporcionou melhoria de renda, melhoria na qualidade de vida e acesso a equipamentos, e, em curto prazo, será possível a agregação de valor ao produto final, por meio da industrialização da produção do leite quando finalizar as obras do laticínio.

Ao levantar o histórico da Cooprolim, observou-se que os motivos que levaram os produtores rurais fundarem a cooperativa foi a necessidade comum de melhoria de renda e de qualidade de vida. Mas os resultados positivos foram além dessas melhorias, pois os produtores rurais cooperados, unidos, conseguiram a inclusão no mercado competitivo através da cooperativa.

Em relação às estratégias competitivas e sustentáveis, a Cooprolim não possui nenhuma estratégia formal reconhecida por seus administradores. Mas foi possível identificar estratégias responsáveis pela sua sustentabilidade e com foco no desenvolvimento futuro, bem como há indícios que tais estratégias irão proporcionar ainda melhores condições socioeconômicas pela possibilidade de agregação de valor aos produtos já oferecidos e expectativas de novos produtos.

No entanto, para alcançar seus objetivos de desenvolvimento no mercado e manter-se sustentável, no sentido de longevidade, será preciso que passe a realizar planejamento e execução estratégica, pois, por mais que sua função é atender as necessidades dos seus cooperados e promover o desenvolvimento socioeconômico, a cooperativa está inserida no mercado competitivo e não pode fugir das regras administrativas, já que pretende conquistar seu espaço quando começar ocupar mercados para seus produtos quando iniciar suas atividades no seu próprio laticínio.

Em relação às coletas de dados, junto ao presidente e aos cooperados fundadores, foram realizadas sem dificuldades, devido à disponibilidade do presidente e a assembleia ocorrida em novembro de 2013. Porém, dos 15 cooperados ativos, não foi possível entrar em contato com dois cooperados, devido à falta de organização da cooperativa, que não pode fornecer informações como telefone e endereço.

A pesquisa teve como foco as cooperativas de produção agropecuárias, mas é relevante que haja novas pesquisas direcionadas a outros ramos cooperativistas e, ainda, se possível, pesquisas direcionadas a empresas não cooperativistas, que praticam o capitalismo inclusivo, para que as comunidades acadêmica, empresarial e social possam perceber a importância dessas práticas como mecanismo de inclusão socioeconômica.

## REFERÊNCIAS

ANTONIALI, L. M. **Modelo de gestão e estratégias**: o caso de duas cooperativas de leite e café de Minas Gerais. 2000. 354 f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ARRUDA, Carlos. **Inovações sustentáveis na base da pirâmide**. Disponível em <[http://api.ning.com/files/9cDXj6m\\*zovUOIgkiZauihW\\*jznSMDT1T898sxzPliCH9VcEP8xkHk5c-QhSuy4uWBR3WPCulOt9nAkX19BfKI3D5m56yC/CI0903Negciosnabasedapirmide.pdf](http://api.ning.com/files/9cDXj6m*zovUOIgkiZauihW*jznSMDT1T898sxzPliCH9VcEP8xkHk5c-QhSuy4uWBR3WPCulOt9nAkX19BfKI3D5m56yC/CI0903Negciosnabasedapirmide.pdf)>. Acessado em 17 de Ago. de 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARNEY, Jay B.; HESTERLY, William S. Hesterly. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. Tradução Monica Rosemberg; revisão técnica Pedro Zanni. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BIALOSKORSKI Neto, Sigismundo. **A nova geração de cooperativas e a coordenação de sistemas agroindustriais**. Disponível em: <[http://www.fundace.org.br/cooperativismo/artigos\\_bialoskorski\\_workshop\\_ges\\_sist\\_agroalimentares\\_1999.pdf](http://www.fundace.org.br/cooperativismo/artigos_bialoskorski_workshop_ges_sist_agroalimentares_1999.pdf)>. Acesso em 19 Ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **Estratégias e cooperativas agropecuárias um ensaio analítico**. Disponível em: <[http://www.fearp.usp.br/~sigbial/inserir\\_out2002/Estrategias\\_e\\_Cooperativas\\_Sig2.pdf](http://www.fearp.usp.br/~sigbial/inserir_out2002/Estrategias_e_Cooperativas_Sig2.pdf)>. Acesso em 18 Jul. 2013.

\_\_\_\_\_. **Cooperativismo é economia social:** fortalecendo a identidade cooperativa. Umensaio para o caso brasileiro. Disponível em: [http://www.ocb.org.br/programas\\_eventos](http://www.ocb.org.br/programas_eventos) . Acessado em 10 de Ago. de 2013.

BORGES, Carlos Eduardo Ávila. **Processo de formulação da estratégia em cooperativa agropecuária.** Disponível em:

<[http://www.administradores.com.br/busca/?cx=000518322702875048515%3Auw\\_nmday3s&cof=FORID%3A11&ie=UTF-8&num=100&q=processo+de+formula%C3%A7%C3%A3o+da+estrat%C3%A9gia+em+cooperativa+agropecu%C3%A1ria&siteurl=www.administradores.com.br%2F&ref=&ss=7j49j2#](http://www.administradores.com.br/busca/?cx=000518322702875048515%3Auw_nmday3s&cof=FORID%3A11&ie=UTF-8&num=100&q=processo+de+formula%C3%A7%C3%A3o+da+estrat%C3%A9gia+em+cooperativa+agropecu%C3%A1ria&siteurl=www.administradores.com.br%2F&ref=&ss=7j49j2#)>. Acesso em 01 Ago. 2013.

BORGES, Cristiano Moura. **Energia, capitalismo inclusivo e desenvolvimento sustentável:** chave para a quebra de um paradigma. 145p. São Paulo, 2007. Dissertação (mestrado - programa interunidades de Pós-graduação em Energia) - EP / FEA / IEE / IF da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/86/86131/tde-19062007-214322/pt-br.php>>. Acesso em 03 Ago. 2013.

FERREIRA, Marco Aurélio Marques; BRAGA, Marcelo José. **Diversificação e competitividade nas cooperativas agropecuárias.** *Revista de Administração Contemporânea*. Rev. adm.contemp. vol.8 no.4 Curitiba Oct./Dec. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552004000400003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552004000400003&script=sci_arttext)>. Acesso em 03 Ago. 2013.

GIMENES, Fatima Maria Pegorini; *GIMENES, Régio Márcio Toesca.* **Agronegócio cooperativo: a transição e os desafios da competitividade.** *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*. Capa > v. 7, n. 1 (2006). Disponível em <<http://revistas.unipar.br/empresarial/article/view/516/471>>. Acesso em 28 Jul. 2013.

HAMEL, G.; PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo futuro:** estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. 26 ed. Rio de Janeiro : Campus, 2005.

HART, Stuart L. **O capitalismo na encruzilhada:** as inúmeras oportunidades de negócios na solução dos problemas mais difíceis do mundo. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Bookman, 2006.

\_\_\_\_\_. **Inclusão social é o futuro do capitalismo.** Disponível em: <[http://www4.serpro.gov.br/noticias-antigas/noticias-2005-1/20050831\\_02](http://www4.serpro.gov.br/noticias-antigas/noticias-2005-1/20050831_02)>. Acesso em 30 Jul. 2013.

JUVÊNCIO, Fernanda de C.; ANDRADE, Geraldo V. de; PANZUTTI, Ralph. **Cooperativismo ao alcance de todos.** São Paulo: OCESP, 2000.

NAMI, Marcio Roberto Palhares. **Visões do cooperativismo.** Stilo Gráfica e Editora: Brasília, 2012.

OCB - Organização Das Cooperativas Brasileiras. Brasília. Disponível em: <[www.ocb.org.br](http://www.ocb.org.br)>. Aceso em 03 Ago. 2013.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Manual de gestão das cooperativas:** uma abordagem pratica. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA JUNIOR, Carlos Claro de. **Cooperativas de produção agropecuária e cooperativismo:** estratégia de crescimento e relacionamento institucional. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10621>>. Acesso em 18 Jul. 2013.

OLIVEIRA, Fernanda Aparecida de. et al. **Novos modelos de gestão em cooperativas: estratégias competitivas nas cooperativas.** Belo horizonte, 2007. Disponível em: <[http://www.unihorizontes.br/pi/pi\\_1sem\\_2007/inter\\_1sem\\_2007/gestao\\_cooperativas/estrategias\\_competitivas\\_nas\\_cooperativas.pdf](http://www.unihorizontes.br/pi/pi_1sem_2007/inter_1sem_2007/gestao_cooperativas/estrategias_competitivas_nas_cooperativas.pdf)>. Acesso em 28 Jul. 2013.

PRAHALAD, C.k. **A riqueza na base da pirâmide:** como erradicar a pobreza com o lucro. Tradução: André de Godoy Vieira. – Ed.rev.atual. – Porto Alegre: Bookman 2010.

PRAHALAD, C.K; HART, S.L. "A Fortuna na Base da Pirâmide". *Estratégia + Negócios*. 2002.

SCHNEIDER, José Odelso. **Globalização, desenvolvimento local sustentável e cooperativismo.** Disponível em: <<http://www.neticoop.org.uy/article1151.html>>. Acesso em 30 Jul. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Cooperativismo como gerador de renda e o seu impacto social.** Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.com.br/news/2010/11/o-cooperativismo-como-gerador-de-renda-e-o-seu-impacto-social/>>. Acesso em 12 Jul. 2013.